

Clamor por reforma

O Conselho Mundial de Igrejas em Porto Alegre, 2006

Gottfried Brakemeier*

Resumo: O tema da próxima Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas tem a forma de uma súplica dirigida a Deus por reforma deste mundo. O presente artigo se propõe à sondagem das razões e dimensões da mesma. Qual o sentido da invocação de Deus? Chama atenção que se pede pela transformação do “mundo”, não da do indivíduo, com o que a ecumene segue uma preocupação tradicional, aliás, destoante na sociedade pós-moderna. Economia e política contemporânea desconhecem proposta sustentável para o futuro da humanidade. As Igrejas têm como entrar na brecha? O tema da Assembléia acusa a necessidade de romper a perplexidade paralisante e partir para um novo compromisso, para o que o recurso à graça salvadora de Deus em Cristo se revela como fundamental.

Resumen: El tema de la próxima Asamblea General del Consejo Mundial de Iglesias tiene la forma de una súplica dirigida a Dios por reforma de este mundo. El presente artículo se propone indagar las razones y dimensiones de la misma. ¿Cuál es el sentido de la invocación de Dios? Llama la atención que se pide por la transformación del “mundo”, no la del individuo, con el que la ecumene sigue una preocupación tradicional, dicho de paso, disonante en la sociedad posmoderna. Economía y política contemporánea desconocen propuesta sustentable para el futuro de la humanidad. ¿Las iglesias tienen como entrar en la brecha? El tema de la Asamblea acusa la necesidad de romper la perplejidad paralizante y partir para un nuevo compromiso, para el que el recurso a la gracia salvadora de Dios en Cristo se revela como fundamental.

Abstract: The theme of the next World Council of Churches General Assembly takes the form of a plea to God for reform of this world. This article sets out to plumb the depth and dimensions of that theme. What is the meaning of the invocation of God? Significantly enough, it is the transformation of the “world” that is prayed for, not that of the individual, which, incidentally, is a traditional concern for oecumene, albeit dissonant in post-modern society. Contemporary economics and politics lack any sustainable proposal for the future of humanity. Can the churches fill this gap? The theme articulates the need to break away from paralyzing bewilderment and set off on a new commitment, a task in which recourse to the salvific grace of God in Christ proves fundamental

* Dr. Gottfried Brakemeier é professor de Teologia Sistemática e Ecumênica na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, RS.

“Aí só resta rezar.” É o que se diz em situações desesperadas, quando os recursos humanos se esgotaram e somente um milagre do céu pode resolver. A reza acusa resignação: sob a perspectiva humana, já não há o que fazer. Talvez Deus consiga ajudar. Não custa dirigir-se a Ele e pedir socorro.

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) parece fazer exatamente isto. Formulou o tema de sua 9ª Assembléia Geral, a ter lugar em 2006 em Porto Alegre, numa prece: “Deus, em tua graça, transforma o mundo”. Será indício de desespero ou, pelo contrário, de confiança? Por que invocar Deus, se o próprio ser humano responde pela absoluta maioria dos impasses? O anseio por transformação não necessita de explicação. Muito à semelhança do que aconteceu nos séculos XV e XVI na Europa, fortes contingentes da humanidade clamam por uma reforma radical, da “cabeça aos pés” como se dizia na época, não só das Igrejas, como da sociedade global. Na raiz do tema está a experiência do sofrimento. Somente dor e compaixão querem transformação. Mesmo assim, fica a pergunta: o que se poderia pretender com o tema? Comover Deus para, em sua graça, interferir com ferro e fogo na história e acabar com os horrores do dia-a-dia? As reflexões a seguir procuram situar o tema da Assembléia e auscultar-lhe as motivações, implicações e dimensões.

I

A preocupação com o bem e o mal-estar do mundo faz parte da trajetória do CMI. É uma das características de sua “biografia”. Foi fundado, em 1948, numa Europa terrivelmente devastada, o que se espelha no tema da Assembléia Constituinte em Amsterdã: “A desordem do mundo e o desígnio de Deus”. Também os temas de outras assembléias dirigem a atenção ao mundo. Lembramos: 1954, Evanston: “Jesus Cristo, a esperança do mundo”; 1961, Nova Delhi: “Jesus Cristo, a luz do mundo”; 1983, Vancouver: “Jesus Cristo, a vida do mundo”. E, mesmo que o termo “mundo” faltasse, ele está implícito. Dizia-se em Uppsala, em 1968: “Eis que faço novas todas as coisas” e em Canberra, em 1991: “Vem Espírito Santo, renova toda a criação”. O mundo necessita de profunda transformação, de reforma e renovação. É esse um dos grandes recados, no qual o CMI não se cansa de insistir e que, pelo tema da próxima assembléia geral, recebe nova ênfase.

O CMI está sendo acompanhado nessa preocupação por outras entidades ecumênicas. Para tanto, apenas alguns exemplos. A Federação Luterana Mundial (FLM) havia colocado sua 5ª Assembléia que, em 1970, deveria ter tido lugar em Porto Alegre, mas acabou transferida para Evian, às

margens do lago de Genebra, sob a senha: "Enviados ao mundo". Trinta e cinco anos depois reuniu-se em Winnipeg, Canadá, sob a divisa "Em favor da cura do mundo". Outros exemplos mais poderiam ser citados. Algo semelhante observa-se no Brasil, particularmente no que concerne as Campanhas Ecumênicas da Fraternidade. No ano de 2000 se apregoava "Dignidade humana e paz – novo milênio sem exclusões" e, em 2005, "Solidariedade e paz – felizes os que promovem a paz". Cristãos e cristãs em todo o mundo sofrem sob os males que afligem a comunidade local, regional e internacional e clamam por mudanças. Não há nada mais ecumênico do que o "mundo". A própria palavra o diz. Ecumene significa "terra habitada". Refere-se, portanto, à "casa" na qual vivemos e cujos problemas atingem a "todo o mundo". "Ecumene" e "mundo" são como que sinônimos. Perfaz um dos grandes objetivos do movimento ecumênico assegurar ou recuperar a habitabilidade da casa comum da humanidade, restabelecer a comunhão e sanar as feridas da sociedade.

De certa forma, pois, o tema da próxima Assembléia do CMI é de ordem "política". Tem em vista a "polis", ou seja, a cidade, o Estado, a sociedade. Chama atenção à convivência social, às leis que a comandam, aos processos políticos, religiosos, econômicos em andamento. Compartilha com os "Fóruns sociais" a convicção de que "Um outro mundo é possível", melhor do que "Um novo mundo é possível". A ecumene cristã grita por renovação. É preciso mudar as regras de jogo e as relações de poder. Seja lembrado que essa ênfase tem sido o estopim de ferozes disputas entre grupos e movimentos cristãos no passado. Houve quem insistisse ser a transformação do indivíduo prioritária por sobre a transformação social. O dissenso desencadeou longa discussão sobre os objetivos da missão cristã. Ela deveria pretender o que? A cristianização ou a humanização do mundo? A conversão de pessoas ou a transformação de estruturas? O conflito que se travou principalmente na década de 70 do século passado conduziu à separação de "evangelicais" e "ecumênicos", como se dizia. Embora a polarização ainda hoje não esteja totalmente superada, ficaram amainadas as diferenças. Isto por uma simples evidência: pessoa renovada em sociedade corrupta não tem vez; sociedade renovada com pessoas corruptas não funciona. A transformação deve ser simultânea, coordenada, acontecer em processo conjugado, envolvendo tanto o indivíduo quanto a sociedade.

Ademais, é flagrante que somente a simultaneidade está de acordo com o testemunho bíblico. Deus amou ao "mundo" (em grego: "kosmos"), enviando Jesus Cristo para resgatá-lo (Jo 3.16). Não se dá por satisfeito com um pequeno grupo de fiéis. Ele quer a conversão de toda a criação. Isto, porém, implica a fé de cada indivíduo. Não adianta promover grandes

projetos sociais ou políticos e negligenciar as pessoas que devem sustentá-los. O Novo Testamento coloca lado a lado o resgate do mundo e o da pessoa, a transformação do planeta em reino de Deus e a conversão do indivíduo em “nova criatura em Cristo” (2 Co 5.17). Aqui não há como separar. Jesus é meu Senhor pessoal e o Senhor de todo o cosmo (Fp 2.9s.). A cristandade aguarda a ressurreição do corpo e a chegada da nova Jerusalém (1 Co 15.35s.; Ap 21.1s.). Portanto, é preciso considerar a interação entre ambos os aspectos, o individual e o coletivo. Caso contrário, a causa do evangelho sofre mutilação e prejuízo.

O tema da próxima assembléia do CMI sublinha a dimensão “cós mica” da fé. Pede pela transformação do “mundo”. Seria errôneo interpretá-lo como re-avivamento de antigas polarizações. Não se permite suprimir a dimensão pessoal da transformação pretendida. E, no entanto, em tempos das grandes privatizações, o mundo requer destacada atenção. O tema, de certo modo, se opõe a uma tendência atual do mercado, a saber, de reduzir os problemas a questões individuais. Se você vai mal, assim se diz, a culpa é sua. Faltou-lhe a competitividade. Portanto, salve-se quem puder do jeito como dá. Os outros não interessam. O mundo da competitividade perdeu o senso da solidariedade e até mesmo da ética. Por isto é tão importante colocar, mais uma vez, o “mundo” em pauta.

II

Queremos mudança, sim. Como, em que sentido? As idéias são claras apenas no geral. As pessoas querem paz. Fazem passeatas e demonstrações públicas contra a violência. Mas como alcançar o objetivo? Queremos justiça. Mas ninguém tem um projeto. Queremos um meio ambiente sadio, preservado. Mas ficamos horrorizados com o ritmo da devastação da Amazônia e a poluição da atmosfera. Quando se trata de definir o alvo das transformações que se desejam, vem à memória o processo conciliar de mútuo compromisso em favor de “Justiça, Paz e Integridade da Criação” (JPIC), desencadeado pelo CMI em 1983. Por ele já estão formuladas as grandes metas. Apontam para as premissas de um mundo estável, bem como inversamente para as ameaças a que o ser humano vive exposto. O alerta continua relevante. Tornou-se até mesmo mais urgente, contando com muita concordância. É fácil identificar os males da atualidade. Consistem na violência local, regional, internacional, militar, nos “senhores da guerra”, no crime organizado, no terror, no tráfico de drogas e armas, no contrabando. Consistem no desnível social, na divisão do mundo em pobres e ricos, especuladores e explorados, população economicamente ativa e desempre-

gada, na corrupção e na fome. Consistem na depredação do planeta e nos conseqüentes desajustes climáticos, na disputa dos recursos naturais a exemplo de água potável, petróleo, pescado. Enfim, consistem na raiva dos perdedores nesse jogo brutal que planejam e, em função do qual, se lançam à vingança.

Enquanto os sintomas das doenças do paciente “mundo” são flagrantes, as causas profundas continuam tabu. Não é a falta de policiamento que responde pela proliferação da violência. Da mesma forma seria simplório atribuir a escalada do terror à ação de alguns fanáticos apenas. De onde provém tamanho ódio? E será o desemprego mera conseqüência da ausência de habilitação para concorrer no mercado? Falta coragem para um diagnóstico real dos fenômenos que angustiam as pessoas. Ele é temido por colocar a descoberto poderosos interesses na manutenção do status quo. Enquanto prejudicial para a economia, assim se diz, a emissão de gases poluentes na atmosfera é lamentável, mas como é de inevitável efeito colateral, é considerada suficiente para a não ratificação do tratado de Kyoto, por exemplo. As causas políticas do endividamento do assim chamado Terceiro Mundo ficam escondidas, assim como também a relação entre marginalidade e violência urbana. Toda terapia inicia com um diagnóstico honesto. Por ora, observa-se pouca disposição para tanto.

Por isto mesmo inexistem propostas alternativas convincentes. As antigas utopias sociais morreram. O que delas sobrou foi privatizado. É ao indivíduo que se dirige a atenção. Dele se exige fitness e qualidade total. Saúde física e mental, qualificação e competência profissional, disponibilidade integral, enfim, a pessoa geneticamente melhorada e mantida em perfeito funcionamento é o que perfaz o ideal da pós-modernidade. Enquanto isso, o mundo está em contínuo processo de deterioração. Não há projeto consensual para ele. Justiça social parece ser conceito do parque jurássico. O “naturalismo” que determina a práxis econômica e política preconiza como máximo valor a sobrevivência do indivíduo ou de grupos mediante o princípio da seleção dos mais aptos. Desconhece um projeto de sobrevivência coletiva ou o compromisso com o bem comum. Privatiza o bem estar, condicionando-o ao êxito na concorrência feroz nos mercados globalizados. Competividade se tornou palavra mágica num mundo vitimado pelo fatalismo de mercado. É preciso vencer, por meios legais ou ilegais. A ética já não interessa. Todas as promessas de mudança acabam no ajuste ao esquema em vigor. A oposição pode conquistar o governo. Mas não dispõe de programa alternativo que viabilizasse saídas dos problemas. Vivemos em época de perplexidade geral, em novo cativeiro babilônico.

A consequência é o desespero, aberto ou clandestino. O futuro parece estar bloqueado, razão pela qual compete “curtir” o presente, enquanto dá. O pânico é outro fator da violência. Sem perspectivas de futuro, não vale a pena sonhar com uma vida “normal”. Ademais, como esperar sentimento humano, compaixão, amor de criaturas permanentemente maltratadas? Também o desemprego é uma violência, assim como o é a miséria e a exclusão social. A humanização da sociedade é a indispensável premissa para a paz e um futuro digno de ser vivido. É errôneo afirmar não haver caminho para alcançar o objetivo. O que falta é a vontade política e a disposição para renunciar a privilégios corporativistas em favor da causa pública. Iniciativas de reforma redundam em disputa de “direitos adquiridos”, em barganha por vantagens, em “luta de classes”. O bem comum, a sustentabilidade dos sistemas, o “povo” estão fora da perspectiva.

Será que Deus sabe como transformar este mundo? Também as religiões se tornaram suspeitas. Não raro desempenharam o papel de cúmplices na intransigente defesa de interesses pessoais, nacionalistas, classistas. É o que se aplica com especial pertinência às alas fundamentalistas, presentes em todas as religiões. Revelam-se como promotoras da violência aos estranhos, desviantes do próprio credo e considerados, por isto, inimigos de Deus. Religião pode agravar os conflitos humanos a despeito do discurso pacificador. A invocação de Deus, portanto, não é nenhuma garantia de um mundo melhor. É claro que também no caso das religiões se deve distinguir entre teoria e práxis. Por demais vezes esta trai aquela e a desfigura. Por isto não adianta discutir a práxis. Ela é relativa. Deve-se discutir o que está na raiz das religiões, o discurso fundante, a imagem pretensamente autêntica. Por via de regra ela deslegitima as perversões fundamentalistas. Mesmo assim, permanece a pergunta: o recurso a Deus, que sentido faz no anelo por transformação deste mundo?

III

A ambigüidade do divino poderia sugerir uma versão a-religiosa do projeto transformador. Seria preferível desistir da fala em Deus e buscar alternativas racionais, humanas, científicas para a cura das enfermidades globais. Esconde-se por detrás do niilismo moderno boa dose de frustração com o fanatismo religioso, responsável por feroz terror em passado e presente. A denúncia deverá servir de alerta e motivar para o que poderíamos chamar de “combate ecumênico à violência”, idéia já lançada pelo CMI, ao inaugurar, em 2001, uma década de engajamento para a superação de exa-

tamente este mal. A iniciativa requer o respaldo de toda a cristandade e a réplica em outras religiões. Paz é a mais nobre causa humana de dimensões globais. Mesmo assim, a despeito da propensão do fervor religioso à agressividade, o ateísmo não é alternativa para a invocação de Deus. Não dispõe de receitas que o privilegiassem em comparação com propostas religiosas. Pelo contrário, a eliminação de Deus obriga o ser humano a salvar-se a si e ao mundo por próprias forças, uma pretensão a que o fracasso está inerente. O ser humano, quando ocupa o espaço de Deus, seja voluntária ou involuntariamente, se transforma em fera que tiraniza seus semelhantes e desumaniza o mundo. Regimes ateus de modo algum têm sido mais “humanos” do que regimes “teocráticos”. A descrença é antídoto absolutamente ineficaz para os flagelos da humanidade.

Por isto mesmo, a invocação de Deus não é solução emergencial, e sim, imprescindível. De acordo com o livro dos Provérbios, o temor a Deus é o princípio da sabedoria (1.5). Isto porque o respeito a Deus garante a indispensável humildade ao ser humano, quando se arrisca em projeto transformador. Excluem-se ambições prometéticas que sonham com a recuperação da terra sem males, com a construção do perfeito, com o advento de um reino “humano”. Há limites e regras a respeitar, cuja transgressão não só acarreta danos como também desmascara a ficção de obras faraônicas. O temor a Deus é o princípio não só da sabedoria – também o é de transformação bem sucedida. Quem pretende salvação à parte de Deus, sem Ele ou até contra Ele, há de sofrer amarga decepção. A construção do paraíso por esforço próprio, sem a ajuda de Deus, sempre acabou como torre de Babel.

Premissa de tal constatação, porém, é a devida qualificação do Deus que se invoca. O tema da Assembléia do CMI pede: “Deus, em tua graça [...]”. As pessoas são convidadas a se dirigirem em prece a um Deus misericordioso, gracioso, que ouve o clamor de seu povo, como lembrava o tema da Assembléia da FLM em Curitiba, em 1990. Um Deus da guerra não vai salvar o mundo. O mesmo vale para um Deus “cobrador de dívidas”, monarca cruel, senhor de escravos. Nada mais errado do que afirmar ser Deus o mesmo em todas as religiões. O discurso “teológico” varia e as imagens que se tem de Deus também. Há deuses impiedosos, cruéis, que desconhecem o perdão. Mandam matar os inimigos e condenam quem tropeçou. “Como consigo um Deus misericordioso?” perguntava Lutero antes de se tornar reformador. No fundo, é esta a pergunta crucial da humanidade. Um Deus tirano, sem compaixão, não ajuda. Por isto, antes de clamar por transformação do mundo, importa clarear o perfil do Deus que invocamos.

Ao especificar seu discurso sobre Deus, o povo cristão deve contar uma história. Ela, em verdade, inicia com a criação e tem na história de Israel seu fundamento. Mas culmina com a história de Jesus de Nazaré. Não termina com a morte daquele que tem sido o Cristo. Ela continua com a Páscoa, com o Pentecoste, com a manifestação do Espírito mediante palavra e sacramento, terminando finalmente com a vinda do reino de Deus em glória e poder. Essa história revela um Deus que é amor (1 Jo 4.16), que não mata seus inimigos, antes lhes perdoa os crimes e prefere o sacrifício de seu enviado à vingança. O Pai de Jesus Cristo reconcilia o mundo e cria comunidade. Comporta-se como o pai na parábola do filho pródigo, acolhendo a pessoa culpada e buscando o perdido. O evangelho não deixa de fazer valer a vontade de Deus que não permite desprezo. Mesmo assim, o juízo divino é ameaça somente em caso de graça rejeitada, de cinismo que zomba do amor divino, da presunção que julga poder dispensar misericórdia.

A Igreja cristã é portadora desta mensagem. Pergunta ao “mundo”: poderá haver salvação sem misericórdia? Quais seriam os atributos de um mundo de fato “humano”? Seriam-no o progresso técnico, a racionalidade científica, o controle da natureza? Por mais importantes que sejam, o apóstolo Paulo denuncia todas as conquistas do ser humano como sendo nulas, “se não tiver amor” (1 Co 13.1s.). É esta a provocação que a Igreja cristã lança ao mundo, a saber, que salvação se prende ao amor que vem de Deus e, por isto, igualmente à prática do amor ao próximo na sociedade que, aliás, inclui o inimigo (Mt 5.44). A “teologia” determina a antropologia, a ética, enfim a visão abrangente de mundo. Eis porque é fundamental clarear as imagens que temos de Deus, respectivamente, colocar em discussão as bases da fé, tanto nossas quanto alheias, não importando, se são de natureza religiosa ou niilista. Pois também as pessoas a-religiosas crêem em alguma coisa. Então, quais são os valores normativos que prometem o saneamento do mundo? Transformação começa com a busca de um consenso nesses assuntos. Caso contrário, corre o risco de se resumir em palavrório vazio.

Este consenso implicará num novo espírito, respectivamente, será fruto dele. Pois, para transformar importa mudar, antes de mais nada, mentalidades. Não existe nada mais poderoso do que o espírito. É ele quem faz as cabeças das pessoas, dirige-lhes a vontade e influencia até mesmo as emoções e o sentimento. Deus transforma o mundo através de seu Espírito, chamado Santo, o Espírito de Jesus Cristo. É o Espírito da verdade, do amor, da sabedoria, da sobriedade, do bom senso. Lamentavelmente este Espírito sofre resistência neste mundo. Desde sempre teve que batalhar contra outros espíritos que queriam usurpar-lhe a autoridade e colocar-se em seu

lugar. São os espíritos da vingança, do egoísmo, da ganância, da vanglória, dos interesses que o ser humano faz valer contra os de Deus. O Novo Testamento enxerga neles “espíritos imundos”. A transformação deste mundo necessita da inspiração do Deus do amor, da sua graça, ou seja, a aprendizagem da misericórdia.

IV

Cabe à Igreja cristã semear este Espírito mediante palavra e ação, mensagem e gesto. Isto na humildade de quem sabe não ser dona do Espírito de Deus, nem controladora de sua ação. O Espírito Santo é autônomo. Sopra onde quer (Jo 3.8). Pode fazer-se presente também fora do âmbito cristão, assim como amor e misericórdia não são monopólios da cristandade. A Igreja é tão somente serva. Agradece pela dádiva do evangelho, pela manifestação do amor de Deus, pela graça que acolhe o fraco. Ser cristão é ser testemunha (Atos 1.8). Justamente nessa qualidade, porém, desempenha papel altamente relevante. Divulga o espírito de Jesus Cristo e lhe prepara o terreno. Lança a semente, rogando a Deus que a faça crescer e frutificar.

Ao testemunho pertence, em primeiro lugar, a própria prece, assim como a fórmula o tema da Assembléia. É demonstração de confiança e esperança. Ciente da graça de Deus, a cristandade tem a coragem de dirigir-se a Deus em súplica. Jesus, ele mesmo, o ensinou aos discípulos. Estimulou-os a dirigir-se a Deus “como filhos amados ao querido pai” (M. Lutero, no Catecismo Menor). No pano de fundo de toda oração cristã está o espírito do “Pai Nosso”. Assim também, quando dizemos “Deus, em tua graça, transforma o mundo”. A prece, por si só, é um desafio. Se Deus é gracioso e quer a felicidade da criatura, por que a situação do mundo é outra? Não há como sancionar a brutalidade de desenfreada concorrência, a desigualdade social, a violação da dignidade humana, a destruição da natureza mediante recurso a um enigmático “desígnio divino”. O Deus de Jesus Cristo desautoriza a aplicação de meios que produzem o ódio, jogam as culturas umas contra as outras, colocam o futuro a perder. A graça de Deus, invocada pelo tema da 9ª Assembléia do CMI, é juízo sobre a desgraça no mundo.

Assim sendo, fé deixa de ser uma questão privada, de gosto individual. Não é indiferente qual o Deus a quem prestamos culto. É claro que com tais colocações não pretendemos a abolição da liberdade religiosa. Esta permanece fundamental. Mas há razões para insistir também neste caso em liberdade responsável. Deve-se exigir pública prestação de contas dos

credos em voga na sociedade. Pois fé define conduta, e esta não é opcional, respectivamente, ela o é apenas parcialmente. Uma fé que prega ódio, segregação racial, desprezo à dignidade humana, para citar apenas estes exemplos, não merece tolerância. Liberdade se corrompe, quando desiste de formular normatividade. Misericórdia, amor, solidariedade são princípios constituintes da sociedade, não podendo ser eliminados, por isso, do rol dos deveres sociais. São deveres que, à semelhança de outros, gozam de proteção divina. Se Deus amou o mundo, o ser humano não tem o direito de desprezá-lo e de causar-lhe a ruína.

Da graça de Deus decorrem ainda outros imperativos. Já aludimos à necessidade de semear o Espírito de Deus e, dessa forma, preparar a vinda de seu reino. Isto inclui o esforço por habilitar as pessoas para uma visão generosa de seus semelhantes e do mundo. Amor precisa ser aprendido. Como atitude ética, ele é fundamental. E, no entanto, embora queira o bem do próximo, não está em posse de receitas mágicas. O amor precisa pensar, buscar assessoria e adquirir competência para a concepção de projetos. A boa vontade, por si só, não resolve. Deve fazer-se acompanhar de conhecimento de causa e da perícia dos especialistas. Portanto, o Espírito Santo não abre mão do raciocínio humano, quando quer traduzir-se em ação. Existe, neste tocante, uma mutualidade: mera competência profissional não está imune contra a ameaça de servir a causas abjetas. Por sua vez, a mera motivação do amor pode pecar por ingenuidade e acabar no fracasso. O mundo precisa de ambas as coisas, ou seja, de amor inteligente e de inteligência benevolente.

Isto significa, enfim, empenhar-se na conjugação de ciência e sabedoria. Não são a mesma coisa. A ciência pergunta pelo que funciona, a sabedoria pelo que dá certo. O mundo, obcecado pelas conquistas científicas, esqueceu a sabedoria. Comete incríveis loucuras. Necessita de “aulas de recuperação” nessa matéria. Se fosse sábio, iria substituir o combate ao terror pelo combate ao ódio. Pois é deste que nasce a violência. Será um combate algo mais difícil, mas incomparavelmente mais exitoso e promissor. Transformação do mundo exige a criação de relações de confiança entre pessoas e povos, a reconciliação, o difícil ensaio da comunhão do diferente. Pouco está sendo feito nessa direção. Importa redescobrir a sabedoria como premissa de sustentabilidade e futuro.

Por todas essas razões, a transformação do mundo é coisa complexa. Permanecerá sonho distante sem a conversão do coração humano, isto é, de sua vontade, cativa de interesses egoístas. Requer não menos a revisão de princípios, ou seja, de estruturas, a exemplo de controles para os excessos do assim chamado livre mercado. Sobretudo, porém, importa a

invocação de Deus e de seu Espírito que ensina o caminho do conveniente e que liberta de obsessões danosas. Transformação verdadeira provém do "alto". É iniciativa do Deus que é amor e cuja "lei" consiste exatamente nisto. Certamente a reforma global, imperiosa e urgente desafia a criatividade da humanidade. Exige o mutirão planetário. Mas justamente por isto depende de um novo Espírito que liberta para a solidariedade e ensina a enxergar o que serve para a paz.